



X X X X X X

# OFICINAS, PROJETOS E AULAS

MATERIAL DIDÁTICO

Patrícia Falco Genovez  
Maria Terezinha Bretas Vilarino

PATRÍCIA FALCO GENOVEZ  
MARIA TEREZINHA BRETAS VILARINO

# OFICINAS, PROJETOS E AULAS

MATERIAL DIDÁTICO

Governador Valadares  
2020



## FICHA TÉCNICA:

Capa, projeto gráfico e edição  
Patrícia Falco Genovez

### Realização



### Financiamento



## FICHA CATALOGRÁFICA - Biblioteca Dr. Geraldo Vianna Cruz (UNIVALE)

G335 Genovez, Patrícia Falco  
Oficinas, projetos e aulas : material didático /  
Patrícia Falco Genovez e Maria Terezinha Bretas Vilarino. —  
Governador Valadares : Univale, 2020.  
43 p. : il.

ISBN 978-65-87227-03-0

1. Oficina - Ensino Fundamental. 2. Educação Patrimonial.  
3. Educação Ambiental. I. Vilarino, Maria Terezinha Bretas.  
II. Título.

## FUNDAÇÃO PERCIVAL FARQUHAR

### PRESIDENTE

Rômulo César Leite Coelho

### DIRETORA EXECUTIVA

Aniela Castello Branco de Paula Barbalho

## UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE

### REITORA

Lissandra Lopes Coelho Rocha

### PRÓ-REITORA ACADÊMICA (PROACAD)

Kíssila Zacche Lopes de Andrade

### PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)

Adriana de Oliveira Leite Coelho

### ASSESSORA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (APPG)

Elaine Toledo Pitanga Fernandes

### ASSESSORA DE GRADUAÇÃO (ASGRAD)

Viviane Carvalho Fernandes

### COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO

Haruf Salmen Espindola

### COORDENADORA DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Ilara Rebeca Duran

### COORDENADOR DO CURSO DE DESIGN

Elton Frederico Binda de Castro



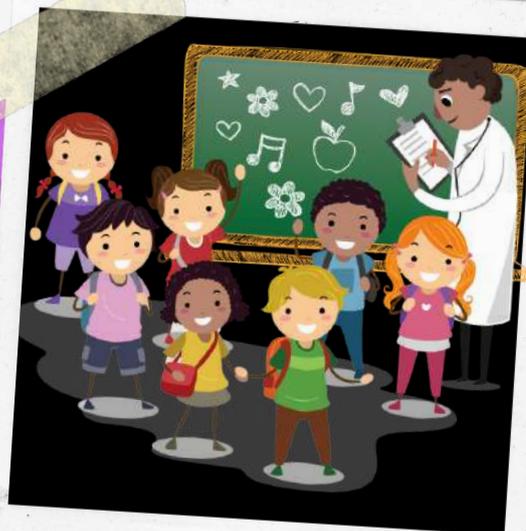
# SUMÁRIO

<b>OLÁ PROFESSOR!</b>	<b>06</b>
<b>OFICINA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: Conhecendo o bairro</b>	<b>07</b>
<b>PROJETO DE HISTÓRIA LOCAL: a memória das casas do Distrito</b>	<b>13</b>
<b>OFICINA DE HISTÓRIA LOCAL.</b>	<b>19</b>
<b>Conteúdos</b>	<b>21</b>
<b>Objetivos</b>	<b>21</b>
<b>1ª Etapa: História, memória e diferentes fontes</b>	<b>22</b>
<b>2ª Etapa: Atividades – memória e produção de fonte oral e visual</b>	<b>29</b>
<b>3ª Etapa: História por fontes escritas ou iconográficas e por bibliografia</b>	<b>33</b>
<b>4ª Etapa: Exposição</b>	<b>35</b>
<b>PROJETO AMBIENTE e PRESERVAÇÃO EM XONIN</b>	<b>38</b>



## OLÁ PROFESSOR!!

Esse material didático tem como objetivo ofertar ao professor do ensino fundamental atividades que podem ser adaptadas e/ou complementadas conforme necessidade de cada turma. Essas atividades foram inspiradas em projetos e experiências desenvolvidas em Governador Valadares e em



outras cidades. Elas ressaltam a importância de se trabalhar em 3 frentes:

- A educação patrimonial, voltada para as questões do patrimônio e das referências culturais locais;
- A história local, a memória e o cotidiano como elemento de reafirmação da identidade local;
- A educação ambiental como elemento de conscientização dos problemas ambientais existentes na localidade.

Isto posto, apresentaremos procedimentos para a organização de oficinas, projetos e planos de aula pertinentes a essas frentes que poderão aguçar o interesse dos alunos quanto a memória, a cultura, a identidade e o ambiente em Xonin.



## OFICINA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL CONHECENDO O BAIRRO

Esta oficina deve considerar alguns passos importantes para sua organização e efetivação.

Segue abaixo algumas sugestões para o professor:



### 1º Passo

É importante que o professor inicie um levantamento sobre o que o aluno entende por cultura, memória, história. Apresentar outros termos pertinentes ao patrimônio cultural: material/imaterial, edificação, paisagem, objetos, monumento, acervo, etc. Cabe ao professor avaliar os termos mais pertinentes, dependendo do desenvolvimento de sua turma.

## 2º Passo

Pode-se iniciar uma sensibilização a partir do próprio bairro onde o aluno mora, perguntando sobre elementos materiais e imateriais na perspectiva dos moradores. Os alunos poderão refletir sobre os aspectos positivos e negativos do bairro, descrevendo os lugares que mais gostam e identificando elementos arquitetônicos como edificações, jardins, praças, entre outros.

## 3º Passo

Início da busca por informações. O professor poderá dividir a turma em grupos que deverão percorrer o bairro a partir de um roteiro definido pela turma. Cada grupo poderá escolher um espaço importante do bairro e justificar sua escolha. Se houver repetição, os grupos devem decidir em conjunto a alteração do roteiro, chegando a um consenso. O grupo deverá fazer uma lista de bens que serão visitados no roteiro escolhido, definindo uma ordem de prioridade, ou seja, qual bem visitarão primeiro e assim sucessivamente. Lembrando sempre que os alunos devem ter a autorização dos pais e estarem, preferencialmente, de uniforme para identificar a escola.

Uma vez com os grupos e roteiros definidos, os alunos deverão pesquisar os locais escolhidos e os bens visitados, levantando sua história e os vínculos estabelecidos com a comunidade; assim como seus significados. No retorno para a sala, cada grupo deverá apresentar os locais visitados como se fossem um guia de turismo. Se for possível, registrar a pesquisa com fotos.

## 4º Passo

Depois da apresentação os grupos farão uma exposição do patrimônio identificado a partir do roteiro escolhido. Eles poderão trabalhar com fotografias ou a partir de desenhos, identificando os personagens encontrados e os bens que mais chamaram a atenção.

As fotos e/ou desenhos deverão estar acompanhados de uma pequena descrição e serão coladas em uma cartolina ou papel pardo. Se o grupo preferir poderá sugerir outro tipo de exposição.

Esta exposição poderá ser visitada por outras turmas da escola e pela comunidade. A partir do material colhido em pesquisa o professor, junto com os alunos, poderá produzir jogos com caixas de papelão: quebra-cabeças, labirinto ou caça palavras. Depois da exposição é importante fazer uma avaliação com os alunos solicitando que os mesmos falem sobre a experiência, apontando os pontos positivos e negativos da atividade e se possuem alguma sugestão.

Junto com a avaliação, o professor deve retomar os termos que foram conversados no 1º passo, buscando associar os bens visitados aos termos discutidos. Assim, na conversa os alunos poderão identificar o patrimônio material do bairro envolvendo edificações, praças; seus aspectos naturais como jardins, grutas, paisagens; os lugares mais significativos de uso comunitário, identitário e até aqueles que não existem mais, mas foram lembrados pelos moradores; aspectos imateriais como lugares santos, lugares de práticas sociais tais como feiras e

mercados, etc; cabe também levantar os saberes e os sabores encontrados, se presenciaram alguma forma de expressão ou celebração. Ao fim da atividade cabe uma reflexão coletiva sobre a importância de conhecer para preservar e do quanto é importante o envolvimento de toda a comunidade para a valorização da cultura local.

Esse roteiro poderá ser utilizados para pesquisar outros elementos do patrimônio cultural local, como por exemplo os elementos gastronômicos mais significativos, as celebrações, os 'causos' de assombração, os jogos e as brincadeiras de outras épocas, as benzeções e rezas das benzedadeiras, os saberes e modos de fazer dos mais antigos.

Caso o professor queira aprofundar a reflexão sobre as referências culturais locais poderá utilizar o manual e as fichas do Programa Mais Educação referente à Educação Patrimonial no link abaixo:

- Educação patrimonial - Manual de Aplicação

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil).  
Educação Patrimonial : inventários participativos : manual de aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. - Brasília-DF, 2016.

Click na imagem para acessar  
o Manual de Aplicação



## - Educação patrimonial – Fichas de Aplicação

Click na imagem para acessar  
as Fichas de Aplicação



## REFERÊNCIAS

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Cultural. Educação Patrimonial. Site: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>. Acesso em 01 de maio de 2020.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Superintendência do Iphan na Paraíba. Educação patrimonial: educação, memórias e identidades / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); Átila Bezerra Tolentino (Org.). – João Pessoa : Iphan, 2013. [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/caderno\\_tematico\\_de\\_educacao\\_patrimonial\\_nr\\_03.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/caderno_tematico_de_educacao_patrimonial_nr_03.pdf)

Educação patrimonial: reflexões e práticas. / Átila Bezerra Tolentino (Org.) – João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012. [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat\\_EducPatrimonialReflexoesEPraticas\\_ct1\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialReflexoesEPraticas_ct1_m.pdf)

Educação patrimonial: orientações ao professor. 2 imp. - João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2011.  
[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat\\_EducPatrimonialOrientacoesAOProfessor\\_ct1\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialOrientacoesAOProfessor_ct1_m.pdf)



## PROJETO DE HISTÓRIA LOCAL

A MEMÓRIA DAS CASAS DO DISTRITO

Este projeto deve ser proposto pelo professor aos anos finais do ensino fundamental com o intuito de despertar nos alunos o interesse pela história local, aguçar a curiosidade para o estudo, a pesquisa e a escrita da história que se inscreve no cotidiano de cada um. De forma mais específica, o projeto sobre a memória das casas do distrito permite um vínculo estreito com

com a questão patrimonial, mas também com as questões arquitetônica e urbanísticas, revelando as alterações ocorridas ao longo do tempo e dimensionando o processo histórico vivenciado pelos moradores.

Nesse sentido, o projeto se justifica numa comunidade onde os laços identitários e memoriais estão se esvaecendo e os traços do passado já não são percebidos como marcos de sua singularidade. No final, quando cada aluno escrever a história da casa pesquisada estará se apropriando de um exercício de pesquisa, compreendendo suas várias etapas desde a coleta de



informações, sua organização e a escrita de um texto histórico.

Do ponto de vista metodológico, é importante que o professor tenha o cuidado de propor o projeto em sintonia com os conteúdos trabalhados em sala de aula. A ideia deve ser apresentada aos alunos e contar com a sua adesão, entendendo que a pesquisa se articula ao conteúdo ministrado em sala. Essa articulação entre a pesquisa e o conteúdo ministrado em sala deve se dar de acordo com a disponibilidade de aulas do professor, podendo ocorrer uma vez por semana.

O desenvolvimento do projeto "Memórias das casas do distrito", poderá ser executado em 5 fases, como todo projeto de pesquisa exige:

Estudo bibliográfico para conhecer minimamente o assunto. Essa leitura pode conter bibliografia referente a arquitetura vernacular (casas populares) em Minas Gerais e no Brasil. Esse material deve ser pesquisado pelo professor que selecionará trechos para leitura e discussão em sala de aula. Deve-se trabalhar no sentido de debater a importância da pesquisa da arquitetura vernacular no cotidiano, na cultura e na história das famílias locais.

Escolha do objeto de estudo para pesquisa. Nessa fase os alunos devem ser divididos em grupos para decidirem juntos quais casas serão escolhidas para a pesquisa. Eles devem ser orientados para escolherem casas que tenham algum significado para a comunidade. Os grupos podem fotografar com celular ou desenhar as casas escolhidas. Na aula seguinte, os grupos apresentarão as casas escolhidas a partir das fotos ou desenhos elaborados pelos grupos.

Definida a casa, os grupos iniciarão a busca por informações. Antes, contudo, é importante o professor apresentar para a turma como o historiador pode encontrar informações. Ele pode indicar que o ofício do historiador se assemelha a uma investigação que segue pistas e coleta testemunhos para desvendar um mistério. Mas, é preciso preparo antes de começar a investigação! Coletar testemunhos significa preparar uma entrevista. Assim, os grupos são orientados para escolherem um membro que tenha mais facilidade de conversa e seja mais expansivo para efetuar as entrevistas e devem elaborar um roteiro de perguntas para conduzir a coleta de informações.

Essa coleta pode ser inicialmente com o proprietário do imóvel escolhido. Essa coleta inicial, trará inúmeros elementos que servirão de pista para aprofundar a pesquisa da história da casa escolhida. Os grupos perceberão a necessidade de procurar informações em outras fontes, dentre as quais fotografias e entrevistas com outros moradores antigos do distrito.

O passo seguinte é organizar e analisar as informações encontradas. O professor deverá orientar os grupos para organizar as informações e, posteriormente, classificá-las. As entrevistas deverão ser transcritas para conferência dos participantes. Deve-se explicar aos alunos que somente após a conferência, assinatura e autorização dos participantes que concederam entrevista a mesma poderá se tornar um documento.

As demais fontes colhidas também demandaram um tratamento específico de acordo com sua característica. Cada uma delas poderá ser analisada e ajudará a contar uma parte da história da casa.

Por fim, os grupos terão elementos suficientes para redigirem a história da casa a partir da memória colhida e das fontes encontradas. Essa redação deve iniciar com um contexto que deve ser mais amplo para situar a construção da casa pesquisada. Nesse sentido, os alunos devem relatar como era a arquitetura vernacular na época em que a casa pesquisada foi construída e qual o cenário vivenciado pelo Brasil naquela época. Posteriormente, podem contar a história da casa contada pelo proprietário e por outros testemunhos, além de inserirem outras informações pertinentes encontradas ao longo da pesquisa. Se os alunos tiverem familiaridade com os aplicativos de celular, podem elaborar pequenos documentários organizando trechos das entrevistas, fotografias e documentos que compõem a história da casa.

Ao final do projeto, o professor e os alunos podem convidar a escola e a comunidade para assistir os documentários. Os proprietários que participaram da pesquisa devem receber uma cópia do trabalho que trata da história de sua casa.

## INDICAÇÃO DE BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, R.; CARRÉRA, M; SURYA, L. Arquitetura Vernacular no Sertão de Itaparica-PE: Experiência de Registro como Memória. Revista Noctua, 1: 66-78, 2016.

MARQUES, C. S. da P.; AZUMA, M. H.; SOARES, P. F. A importância da arquitetura vernacular. Akrópolis, Umuarama, v. 17, n. 1, p. 45-54, 2009. Disponível em:  
<http://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/articula/view/2842/2110>.

MORONI FILHO, Elio. O patrimônio invisível: arquitetura popular urbana de municípios do período colonial brasileiro. GeoGraphos. [En línea]. Alicante: Grupo Interdisciplinario de Estudios Críticos y de América Latina (GIECRYAL) de La Universidad de Alicante, 2 de junio de 2016, vol. 7, nº 87 (16), 14 p.

SANTOS, Soraia Costa dos; COSTA, Silvia Kimo. Arquitetura vernacular ou popular brasileira: conceitos, aspectos construtivos e identidade cultural local. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. v.24, n.35, 2º sem. 2017. p. 218-258.

WEIMER, G. Arquitetura Popular Brasileira. Martins Fontes. São Paulo, 2005. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/236660578\\_WEIMER\\_Gunter\\_2005\\_Arquitetura\\_popular\\_brasileira\\_Sao\\_Paulo\\_Martins\\_Fontes](https://www.researchgate.net/publication/236660578_WEIMER_Gunter_2005_Arquitetura_popular_brasileira_Sao_Paulo_Martins_Fontes)

WORCMAN, K.; PEREIRA, J. V. História falada: memória, rede e mudança social. São Paulo : SESC SP : Museu da Pessoa :

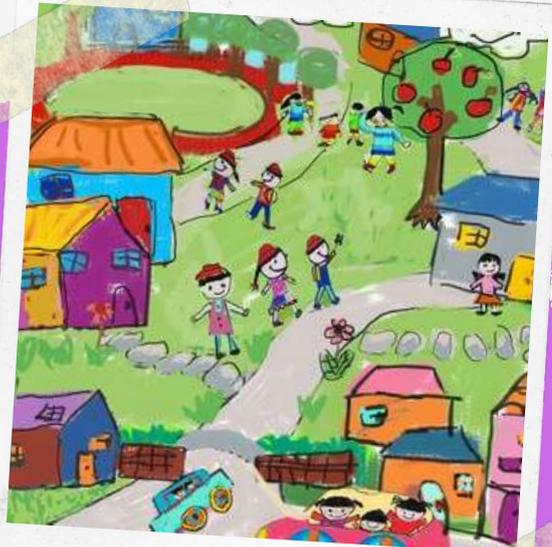
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. Disponível  
no site:

[https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819742/mod\\_resource/content/2/WORCMAN%2C%20Karen%20%28coord%29%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20falada.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819742/mod_resource/content/2/WORCMAN%2C%20Karen%20%28coord%29%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20falada.pdf)



## OFICINA DE HISTÓRIA LOCAL

O ensino de História Local articula a identidade, a memória, a noção de pertencimento, o cotidiano e a cultura local e pode se tornar uma estratégia interessante para conscientização dos alunos e posterior apropriação do conhecimento histórico.



Estamos entendendo "Local" considerando a cidade, mas também podemos incluir nessa história a rua, o bairro, as famílias, a escola; enfim, os locais de interação dos alunos no seu dia-a-dia que expressam também uma identificação coletiva.

Esse conteúdo pode ser trabalhado nas primeiras séries do ensino fundamental ao se trabalhar a história pessoal, a história da comunidade e, por fim, a história da cidade. Ele também pode ser trabalhado nas séries finais, relacionando os conteúdos relativos à história do Brasil e da Europa ao contexto local. Neste aspecto, mais do que aprofundar essa relação entre os conteúdos, os exercícios servirão para

desenvolver habilidades relativas à noção de tempo, de transição, de evolução, de permanência, de mudança, de interpretação, de explicação histórica e de consciência.

O primeiro passo para se iniciar a oficina é considerar a história oficial da cidade e questionar sobre o modo como o distrito de Xonin aparece nessa narrativa. O professor deve conhecer uma bibliografia básica da história da cidade, cujas indicações serão disponibilizadas ao final da oficina. Cabe a ele selecionar trechos de autores que trabalhem tanto numa perspectiva memorialística quanto histórica para oferecer aos alunos visões diferentes da história da cidade.

A partir desses extratos selecionados o professor deve refletir junto com a turma propondo questões: Essa história fala de quem? A memória de quem está resguardada a partir dessa narrativa? Quais fontes de informação foram utilizadas para escrever essa história? Todos os grupos sociais estão representados nela? Quem são os personagens que aparecem na história oficial da cidade? Até que ponto essa história da cidade também fala da história do distrito de Xonin? Como Xonin se conecta à história de Governador Valadares, de Minas Gerais, do Brasil e da Europa?

Essa reflexão torna professor e alunos como questionadores e investigadores, envolvendo conhecimentos pessoais e capacidade interpretativa de todo o grupo. Há possibilidade de questionamento das fontes e da escrita da história.

A oficina é uma atividade pontual, mas se o professor tiver disponibilidade, pode sugerir uma visita à biblioteca Municipal e ao Museu da Cidade para refletir sobre outros aspectos.

Se o professor dispor de mais tempo para esse tipo de trabalho, poderá utilizar um bimestre para articular História, Memória e cultura local. Para essa atividade vamos anexar um modelo de Plano de Aula, elaborado pela professora Mayara Mattar Moraes, disponibilizado no site Educação.

## Conteúdos

- História e memória
- Diferentes formas de fazer história: escrita, oral e iconográfica
- Colonização, imigração e escravidão
- Urbanização e gentrificação

## Objetivos

- Diferenciar história e memória
- Aprender a pesquisar usando fontes escritas e orais
- Saber mais de sua origem e de seus familiares
- Reconhecer o espaço da cidade como espaço coletivo
- Identificar que o espaço geográfico ao seu redor é alterado com a existência humana e altera, por sua vez, os residentes dele.

## Série/ano:

5º, 6º e 7º anos

Apesar da sugestão de série/ano indicada, recomenda-se que os conteúdos sejam trabalhados continuamente durante a

estrajatória escolar. O tema pode ser abordado em conjunto com as aulas de História do Brasil, com história da imigração no Brasil ou com a história da escravidão no Brasil. Ao(A) professor(a), reserva-se analisar e apresentar ou reforçar determinado tema quando achar necessário.

## Previsão para aplicação

Um bimestre.

### 1ª Etapa:

#### História, memória e diferentes fontes

A história e a memória se relacionam, porém, não são a mesma coisa. No que se assemelham, ambas são seleções organizadas de fatos e eventos que, postos em uma linha, formam uma narrativa. A memória diz respeito a sentimentos e sensações e pode ser tanto individual quanto coletiva. A história tem uma metodologia própria que se baseia em fontes materiais e imateriais, nas quais se encontram evidências de eventos passados que são descritos e podem ser questionados por outros pesquisadores.

#### História:

"A única generalização cem por cento segura sobre a história é aquela que diz que enquanto houver raça humana haverá história."

Eric J. Hobsbawn

A história é uma narrativa seletiva de fatos e eventos organizados em uma linha espaço-temporal. Para sua realização, existe a necessidade de uma metodologia própria baseada em documentos, chamados de fontes. O pesquisador busca nos eventos passados respostas para processos que ocorreram em outros momentos da humanidade e para explicar situações do presente. A história é feita a partir do surgimento da humanidade e se baseia na interação entre homens e mulheres e com o meio em que vivem.

A escrita da história pode ser um exercício de poder. A disciplina passou a existir formalmente no século XIX quando deixou de ser atrelada à filosofia e tornou-se independente na Europa. Naquele momento, imperava nos meios acadêmicos a ideia positivista e darwinista. De acordo com essas doutrinas, a evolução humana se dava a partir de uma linha temporal de avanços e domínios sobre a natureza, a começar pela língua escrita.

O Darwinismo Social nasceu das propostas feitas por Charles Darwin em relação à evolução das espécies de animais e plantas. O estudo de Darwin propôs uma evolução, animal e botânica, baseada na seleção natural, na qual as espécies com genes mais adaptados às situações naturais conseguiam sobreviver e, com isso, passar seus genes adiante pela reprodução. No século XIX, havia entre os antropólogos, filósofos e historiadores a mesma ideia generalizada para os seres humanos. Nesse sentido, as civilizações mais evoluídas eram aquelas que dominavam a escrita e, portanto, poderiam produzir sua própria história a partir de registros escritos e passar suas narrativas para frente.

Até a metade do século XX, a escrita da história se concentrou exclusivamente em analisar fontes escritas. Nesse sentido, a história produzida até esse período era a das grandes instituições, grandes eventos e grandes homens, já que eram essas as pessoas que dominavam a escrita e controlavam as instituições que produziam os documentos em questão. Grande parte da humanidade, escravizados, camponeses, trabalhadores, mulheres, crianças, idosos, indígenas, populações nativas e muitos africanos e asiáticos estiveram excluídas da história acadêmica.

A partir da década de 1960, com os processos de independência africanos e asiáticos, com os movimentos de direitos civis de negros norte-americanos, com o movimento de contra cultura, de liberdade sexual, movimentos estudantis na Europa, a Revolução Cubana, a consolidação do trabalho feminino fora de casa e outros movimentos de trabalhadores, a escrita da história passou por uma mudança de perspectiva, tanto do ponto de vista temático, quanto do ponto metodológico. Esses setores lutaram por sua inserção e passaram a escrever sua própria narrativa histórica.

Outras fontes, que antes eram ignoradas, passaram a ser determinantes para os historiadores buscarem as evidências dos eventos passados, tais como fontes orais, materiais e imagens. Para muitos povos sua história e ancestralidade era passada de forma oral e não escrita. É o caso de povos africanos e povos originários, como os indígenas brasileiros, ou ainda de povos escravizados, como os afrodescendentes e negros das Américas.

Para mulheres, o isolamento do trabalho doméstico não gerou fontes escritas, mas a moda, a arquitetura, a produção de

eletrodomésticos e, depois, sua entrada no mercado de trabalho, podem contar sua história. Além disso, a arqueologia operou revisões na história da Antiguidade, muitas vezes refutando fontes escritas, e possibilitou um estudo mais aprofundado da pré-história, para citar alguns exemplos.

Houve também uma mudança de paradigma da pesquisa historiográfica influenciada pelo estruturalismo e pelo pós-modernismo. Essas visões trouxeram alguns elementos para o debate da escrita da história, como por exemplo, a ideia de estrutura social demarcada pela existência de padrões, tais como classes sociais, etnia e cor da pele, diferenças de gênero e sexualidade, etc. Para eles, no entanto, as estruturas são compostas por pessoas que são, ao mesmo tempo, influenciadas e influenciadoras do meio em que vivem. Esses teóricos uniram objetivo e subjetivo na escrita da história e passaram a não tomar mais como verdade absoluta o documento escrito.

A ideia de que o indivíduo é agente da história, de que não há uma história melhor ou mais importante que outra, traz os setores, até então excluídos, para o centro do debate. Contar a própria história, de seu povo ou civilização ou de um local, passou a ser um dos muitos aspectos investigativos da história.

## Memória:

"Um povo sem memória é um povo sem história. E um povo sem história está fadado a cometer, no presente e no futuro, os mesmos erros do passado."

Emília Viotti da Costa

A memória, por sua vez, é também uma narrativa baseada em experiências, sejam individuais ou coletivas e organizadas de forma espacial e temporal. Ela é, por excelência, subjetiva e é também seletiva, tal como a história. Os processos de seleção, no entanto, podem ser conscientes ou inconscientes. A memória pode ser desde uma forma de contar uma vida e as experiências vividas nela, quanto um mecanismo de poder usado de forma institucional ou governamental.

As seleções operadas pela memória individual dizem respeito a uma questão perceptiva do ser humano e seu entorno. Ela nunca é isolada do todo, sendo o ser humano social por definição, as lembranças de vida que tem uma única pessoa são também de sua inserção em um contexto social, político, familiar, nacional, étnico, de gênero, etc. A lembrança é uma construção do passado baseada em elementos do presente e sofre alterações de narrativa de acordo com novos dados, contextos ou com a lembrança de terceiros. A memória nunca é totalmente simulada, mas também não é uma absoluta certeza.

Os eventos descritos por quem conta uma história tem mais a ver com o impacto causado por eles em seu psicológico e na sua formação do que com o impacto nacional ou social deles. Um evento como a migração de nordestinos nos anos 1960, 1970 e 1980 para a região sudeste, por exemplo, pode ser descrito sem grande importância por alguém que tenha realizado essa mudança ou pode ser o fator mais simbólico de sua formação identitária. Esse peso em sua lembrança se determina pela relação do indivíduo em questão com o meio social em que vive ou viveu.

As histórias de povos, grupos ou etnias, sejam escritas ou orais, são construídas não só com base em documentos, mas também

em sua memória coletiva atrelada a grandes traumas ou eventos vividos por eles ou por seus ancestrais. Alguns exemplos disso são a memória do holocausto judeu durante a Segunda Guerra Mundial, a memória da escravidão e diáspora negra nas Américas e a memória das ditaduras militares na América Latina. A construção de memoriais, o tombamento de monumentos, a proteção de determinadas manifestações culturais é feita em detrimento de outras. É, portanto, um processo de seleção resultante de disputas pela memória.

Do ponto de vista da memória coletiva, ela é sempre um objeto de disputa que ganha diferentes narrativas ao longo do tempo e das necessidades históricas. Getúlio Vargas, durante o período do Estado Novo, criou em conjunto com intelectuais do período o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – em 1937. O Instituto, naquele momento, valorizou elementos da história brasileira associados ao período da exploração aurífera de Minas Gerais, nesse sentido, preservou Igrejas e monumentos coloniais no Estado em detrimento de outras narrativas e memórias históricas, como por exemplo, a memória da escravidão ou dos indígenas. Naquele momento, o Brasil passava por uma crise econômica causada pela desvalorização do café e, ao mesmo tempo, havia deixado de ser uma monarquia escravocrata há quatro décadas.

Outro exemplo mais recente é o feriado da Consciência Negra, dia 20 de novembro, no Brasil, data convencionada com a do assassinato de Zumbi. Conquista do movimento negro brasileiro, o dia visa lembrar não só o período da escravidão, mas, sobretudo, a resistência dos escravizados a partir de sua figura mais emblemática, Zumbi, líder do maior e mais duradouro quilombo brasileiro, o Quilombo dos Palmares. A fixação de uma data para refletir a respeito de escravidão e

consciência étnica, constrói na memória coletiva a lembrança desse período da história do Brasil que diz respeito não só a escravidão, mas a organização e resistência dos escravizados.

Contar histórias próprias: uma forma de fazer história na escola A história não é única. Ela é uma narrativa contada por alguém em um processo vivo e de permanente revisão e é influenciada por homens e mulheres em seu tempo e espaço. As pessoas são, portanto, agentes, sujeitos e personagens de sua própria história e da história coletiva, sendo influenciadoras e influenciadas por seu tempo e meio. Nesse sentido, toda história tem valor e não existe uma história melhor que outra.

A história local é pouco trabalhada a depender da região e da cidade em que se trata. A história dos bairros, portanto, faz parte da história nacional e coletiva, não somente da história individual. A articulação entre as diferentes histórias de vida contadas por cada um dos moradores do bairro, pode contribuir para a construção de uma memória social dos alunos, da própria escola e do coletivo ao redor.

Para os alunos participantes de um projeto memorialista, encontrar-se como um indivíduo que é pertencente ao meio e ao mesmo tempo o meio lhe pertencer, ajuda na construção de sua própria história de vida e identidade, situando-o em um espaço-tempo no qual sua memória e história lhe pertencem.

Texto resumido baseado em:

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Editora da Unicamp: Campinas, 1990.

LOPEZ, Immaculada. Memória social: uma metodologia que conta a histórias de vida e o desenvolvimento local. Editora Museu da Pessoa: São Paulo, 2008.

## 2ª Etapa:

### Atividades – memória e produção de fonte oral e visual

A proposta parte da ideia do estudo do bairro onde está localizada a escola em que o(a) professor(a) leciona. Ainda que alguns dos alunos residam em bairros próximos e não naquele em questão, a atividade pode ser feita, uma vez que os jovens passam grande parte de suas vidas e de seus dias dentro da escola, local onde muitos fazem sua socialização.

Ainda sim, caso o(a) professor(a) queira, poderá fazer a atividade sobre a história da escola e não do bairro, nesse sentido, poderá substituir as entrevistas com parentes, por entrevistas com professores(as), outros(as) funcionários(as) e ex-alunos(as) da escola.

1) Sondagem: o que os alunos conhecem sobre o bairro em que moram ou estudam?

Em roda, o(a) professor(a) poderá fazer perguntas a respeito do bairro em que os alunos moram. É interessante ir anotando na lousa as impressões de cada aluno.

Algumas perguntas possíveis:

- a) Você nasceu nesse bairro? Há quanto tempo você mora nesse bairro?
- b) Toda sua família mora aqui?
- c) Quais lugares costumam frequentar por aqui?

- d) Já estudaram em outras escolas? Quais?
- e) Seus amigos moram aqui?
- f) Para você, como é bairro?
- g) Tem locais para passear?
- h) Há grafites ou pixações pelo bairro?
- i) São realizados eventos no bairro? Ex: shows, quermesses, feiras, etc.
- j) Você gosta do seu bairro?

## 2) Visitação: conhecer o bairro coletivamente

Nessa etapa, a turma fará um passeio pelo bairro em que a escola está situada.

a) O(A) professor(a) deverá fazer uma visita técnica antes e escolher o percurso que irá fazer com os alunos, priorizando passar por locais de importância, como lojas antigas, córregos, avenidas, ruas principais, casas mais antigas, etc.

b) Os alunos irão registrar, a partir de seu olhar, o que acharem mais apropriado e significativo do bairro em questão. Podem usar seus próprios celulares, ou o(a) professor(a) poderá levar uma única máquina para uso coletivo. O importante é que o registro fotográfico seja feito pelos alunos.

c) Se houver uma praça ou parque no bairro, o(a) professor(a) poderá fazer um piquenique com os alunos, sentar em roda e conversar informalmente sobre o que viram.

### 3) Entrevista coletiva

Sugestão A: O(a) professor(a) poderá, a partir de suas pesquisas, convidar uma pessoa mais velha, influente no bairro para ir à escola e contar suas memórias. É importante deixar o(a) convidado(a) falar livremente sobre sua vida, contar suas memórias. Os alunos podem fazer perguntas. Pode ser interessante filmar a história contada pela pessoa, além de pedir fotografias ao entrevistado (que servirão como fonte iconográfica).

Sugestão B: o(a) professor(a) poderá reunir seus alunos e, novamente, fazer uma atividade fora da escola, levando a turma para conversar com comerciantes, líderes comunitários ou pessoas de relevância na região. O(A) professor(a) deverá fazer uma pesquisa preliminar para encontrar as pessoas mais velhas do bairro, de importância social ou econômica e fazer uma conversa inicial sobre o projeto e saber a disposição da pessoa em questão. Nesse caso, é importante que, junto com os alunos, o(a) professor(a) tenha previamente elaborado um questionário. O registro deverá ser feito através de uma câmera de celular e/ou gravador.

### 4) Histórias de vida

Nessa parte do trabalho, os alunos farão suas entrevistas. O objetivo é investigar de onde vieram seus pais, seus avós ou as pessoas com quem moram.

Sugestão A: dividir os alunos em grupos e selecionar um ou dois membros da família de cada aluno para serem entrevistados. É importante que os alunos decidam quem serão os entrevistados,

Levando em consideração alguns critérios definidos previamente pelo(a) professor(a) e a turma. Alguns exemplos de critério são: idade, tempo de moradia no bairro, etc. Os alunos podem fazer registros com seus celulares – áudio ou vídeo. Caso não haja essa possibilidade, o(a) professor(a) poderá providenciar uma câmera para uso coletivo. As entrevistas podem ser previamente elaboradas em sala ou podem ser depoimentos livres, nos quais os alunos irão pedir ao entrevistado que conte sua história de vida.

Sugestão B: individualmente, os alunos podem fazer entrevistas, cada um com um membro de sua própria família. Nesse caso, o critério é dado pelo próprio aluno, ele irá escolher o membro e o porque de sua escolha. Pode ser por ser mais velho ou por ser importante para o aluno. Os alunos poderão fazer registros através de seus celulares – áudio ou vídeo. Caso não haja essa possibilidade, o(a) professor(a) poderá providenciar uma câmera ou gravador para uso coletivo. As entrevistas podem ser previamente elaboradas em sala ou podem ser depoimentos livres, nos quais os alunos irão pedir ao entrevistado que conte sua história de vida.

Importante: caso o(a) professor(a) e os alunos optem por fazer uma entrevista e não um depoimento livre, é necessário que todos sigam o mesmo roteiro.

Sugestões de perguntas (para serem usadas nas entrevistas individuais e coletivas):

Nome; Idade; Profissão; Estado Civil; Grau de Parentesco; etc.

- a) Você reside nesse bairro há quanto tempo?
- b) Onde você nasceu? Como chegou aqui?

- c) Como era sua casa na infância? Como era sua primeira casa no bairro? Ainda é a mesma casa? Como ela é hoje?
- d) Por que escolheu esse bairro para residir? Você sabe por que seus pais escolheram esse bairro para residir?
- e) Como era a Av. principal? Tinha rio no bairro? Como era a escola que você estudava (se estudou)?
- f) Você gosta de morar aqui? Mudaria alguma coisa no bairro?
- g) O que você sente falta de quando era mais novo?

### 3ª Etapa:

## História por fontes escritas ou iconográficas e por bibliografia

Essa é uma etapa de pesquisa em fontes já existentes ou em bibliografia já escrita sobre a região.

### 1) Recolhimento de fontes:

- a) Em casa: nessa etapa do trabalho os alunos serão os pesquisadores. Em suas casas, irão buscar ou solicitar fotos, imagens ou registros que mostrem o bairro, tais como fotos na Igreja, na escola, construção da casa dos parentes, etc.
- b) No bairro: além da busca em casa, é possível conversar com as mesmas pessoas da etapa de visitaçao no bairro para que possam fornecer documentos a respeito da região.
- c) Na escola: muitas escolas têm registros fotográficos e escritos a respeito de sua construção que mostram um pouco do bairro. A história do crescimento ou diminuição da escola são

fontes de informação para o desenvolvimento do bairro.

d) Arquivos públicos: muitas cidades têm acervos documentais sobre o município. Neles é possível encontrar documentos escritos e imagens sobre a formação de bairros. Alguns desses arquivos possuem seu acervo online ou um guia do acervo que permite pesquisar e solicitar o acesso a elas. Essa parte cabe ao(a) professor(a) visitar o arquivo, obter acesso às fontes e levar para a sala de aula, mesmo que sejam somente reproduções.

e) Prefeitura: o(a) professor(a) poderá fazer uma pesquisa na prefeitura de sua cidade e solicitar algumas informações, como data de fundação do bairro, de ocupação de pessoas, transporte, etc., e levar para sala de aula.

f) Jornais de grande circulação: alguns jornais mais antigos dispõem de acervos próprios na internet e outros estão disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional, também online. Uma das vantagens do acervo online é a possibilidade de realizar uma busca por palavras-chave, como o nome do bairro, por exemplo.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

## 2) Pesquisa bibliográfica:

a) Sites de prefeituras: em muitos locais existem histórias de alguns bairros já publicadas. Esse é o caso da prefeitura de São Paulo, por exemplo, que tem algumas monografias em seu site institucional. Outras têm breves informações técnicas.

b) Levantamento bibliográfico: pode ser feito pelo google ou

google acadêmico, para conhecer produções que cite o bairro em questão, se houver.

## 4ª Etapa:

### Exposição

Construir uma história é também escrevê-la e exibi-la. Nesse sentido, o(a) professor(a) e os alunos podem organizar uma exposição para que todos na escola tenham contato com a história do próprio bairro.

1) Linha do tempo coletiva: encerradas as pesquisas, levantamento de dados e entrevistas, a turma poderá montar uma linha do tempo para ser exibida na exposição.

a) A turma, juntamente com o(a) professor(a), poderá eleger marcos do bairro e, a partir disso, elaborar um texto a respeito. Por exemplo, a construção da primeira escola, a chegada do bonde, etc.

b) A partir das histórias de vida contadas pelos entrevistados, o(a) professor(a) e os alunos irão inserir na linha do tempo os eventos de suas próprias vidas. A história de vida de cada um também constitui a história do bairro. Exemplo: 1905 – Chegada dos avós do Sr. Claudemir; 1917 – Sra. Neide se casa com Sr. João; etc.

c) Imagens: Nos marcos que foram selecionados, sejam pessoais ou do bairro, se houver fotos, poderão ser anexadas também.

## 2) Escrita da história:

É possível realizar parceria com o(a) professor(a) de língua portuguesa nesta etapa do projeto, tornando-o interdisciplinar.

a) Sugestão 1: escrever a história do bairro a partir da linha do tempo selecionada. O(A) professor(a) poderá separar a sala em grupos e dividir pedaços para cada um. A história deve incluir o que foi levantado pelos documentos e os depoimentos individuais.

b) Sugestão 2: escrever sua autobiografia. Nesse caso, cada aluno escreverá a sua, pensando na pessoa que entrevistou e nas informações obtidas através da pesquisa sobre o bairro.

c) Sugestão 3: escrever um depoimento de sua própria vida, seguindo o modelo proposto nas entrevistas anteriores.

3) Montagem da exposição: a exposição poderá ser montada em uma sala, onde as produções dos alunos ficarão expostas, bem como a linha do tempo. Se houver imagens e objetos pessoais, é interessante exibi-los também. Caso as entrevistas tenham sido feitas em vídeo, é recomendável exibi-las em telão ou em computadores.

Obs.: Quando se faz entrevistas e se utiliza materiais fornecidos por pessoas, recomenda-se autorização prévia. No caso de imagens, é preciso pedir autorização para exibição pública.

## Dicas:

- Site Museu da Pessoa. Trata-se de um museu virtual e colaborativo que colhe depoimentos e histórias de vida de pessoas que queiram compartilhar suas experiências. O site também dispõe de manual, artigos acadêmicos, cursos e palestras, além de um acervo de histórias faladas e registradas em vídeo. Confira também a página de projetos da plataforma.

## Para aprofundamento:

### 1) Sobre a relação entre história e memória:

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Editora da Unicamp: Campinas, 1990.

BARROS, José D'Assunção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. Revista Mouseion, nº 05, vol. 03, 2009.

### 2) Livro produzido pelo Museu da Pessoa sobre “Memória Social”:

LOPEZ, Immaculada. Memória social: uma metodologia que conta a histórias de vida e o desenvolvimento local. Editora Museu da Pessoa: São Paulo, 2008.

3) Manual produzido pelo Museu da Pessoa sobre “Tecnologia Social da Memória”: Tecnologia Social da Memória: Para Comunidades, Movimentos Sociais e Instituições Registrarem sua memória.



## PROJETO AMBIENTE E PRESERVAÇÃO EM XONIN

Tendo em vista contexto de degradação ambiental vivenciado no Distrito de Xonin, o professor do Ensino Fundamental poderá propor e adequar de acordo com com a turma e com o conteúdo ministrado na disciplina de Ciências, um diálogo com a memória e a história local para compreender esse processo. O projeto pode ser mais abrangente e articular conteúdos com outras disciplinas como: Língua Portuguesa, Biologia e Química (dependendo da matriz curricular).



O projeto encontra justificativa considerando-se a situação atual do distrito quanto ao descarte do lixo, a produção de resíduos, a contaminação dos córregos, o desmatamento e o abastecimento de água. Ao final do projeto, cada aluno poderá escrever sobre o processo histórico de instalação do distrito, compreendendo de que modo se estabeleceu uma mentalidade de uso e exploração da natureza que culminou na situação atual.

Do ponto de vista metodológico, é importante que o professor tenha o cuidado de propor o projeto em sintonia com os conteúdos trabalhados em sala de aula. A ideia deve ser apresentada aos alunos e contar com a sua adesão, entendendo que a pesquisa se articula ao conteúdo ministrado em sala em diversas disciplinas, conforme indicado acima.

Essa articulação entre a pesquisa e o conteúdo ministrado em sala deve se dar de acordo com a disponibilidade de aulas do professor, podendo ocorrer uma vez por semana; ou, caso seja um projeto multidisciplinar, deve seguir um cronograma comum estabelecido pelos professores envolvidos.

O desenvolvimento do projeto "Ambiente e preservação em Xonin", poderá ser executado em 5 fases, como todo projeto de pesquisa exige:

Estudo bibliográfico para conhecer minimamente o assunto. Essa leitura pode conter bibliografia referente aos cuidados com o meio ambiente: uso racional da água, saneamento, descarte adequado do lixo, contaminação dos córregos e rios, desmatamento, etc. Esse material deve ser pesquisado pelo professor que selecionará trechos para leitura e discussão em sala de aula. Deve-se trabalhar no sentido de debater a importância da pesquisa sobre o ambiente.

A turma pode ser dividida em grupos. Cada grupo poderá ler uma das indicações bibliográficas ou outra indicação feita pelos professores que coordenam o projeto e contar para os colegas o que descobriu sobre os temas estudados. Depois dessa apresentação dos grupos, cada grupo escolherá um lugar do distrito para fazer sua pesquisa de campo, conforme o tema

escolhido e apresentado.

Eles podem escolher um córrego que sofre com a contaminação de lixo; com áreas degradadas pelo desmatamento; com áreas do distrito que não recebem água tratada ou apresentam problemas de abastecimento; com áreas do distrito que não possuem saneamento básico, etc.

Definido o tema, os grupos iniciarão a busca por informações. Os professores que coordenam o projeto devem orientar os alunos de modo que eles obtenham pistas do passado que revelem os motivos que levaram ao problema ambiental. Portanto, a pesquisa deve começar com aqueles moradores mais antigos que conheceram o Distrito antes dos problemas ambientais se agravarem. Mas, como já indicado no projeto sobre as casas do distrito é preciso preparo antes de começar a investigação! Coletar testemunhos significa preparar uma entrevista. Assim, os grupos são orientados para escolherem um membro que tenha mais facilidade de conversa e seja mais expansivo para efetuar as entrevistas e devem elaborar um roteiro de perguntas para conduzir a coleta de informações. Essa coleta pode ser inicialmente com moradores que são atingidos diretamente pelo problema ambiental pesquisado. Essa coleta inicial, trará inúmeros elementos que servirão de pista para aprofundar a pesquisa. Os grupos perceberão a necessidade de procurar informações em outras fontes, dentre as quais fotografias e entrevistas com outros moradores antigos do distrito.

O passo seguinte é organizar e analisar as informações encontradas. Os professores responsáveis deverão orientar os grupos para organizar as informações e, posteriormente,

classifica-las de modo que cada disciplina possa trabalhar com temas e metodologias específicas. As entrevistas deverão ser transcritas para conferência dos participantes. Deve-se explicar aos alunos que somente após a conferência, assinatura e autorização dos participantes que concederam entrevista a mesma poderá se tornar um documento. As demais fontes colhidas também demandaram um tratamento específico de acordo com sua característica. Cada uma delas poderá ser analisada e ajudará a contar uma parte da história dos problemas ambientais levantados no Distrito.

Por fim, os grupos terão elementos suficientes para elaborarem painéis sobre cada tema abordado. Essa redação deve contar com a orientação dos professores responsáveis e deve iniciar com um contexto amplo para situar o problema ambiental na história do Distrito. Nesse sentido, os alunos devem relatar como era a natureza, os córregos, a floresta e a fauna local antes da interferência dos primeiros núcleos de moradores e depois, com o passar do tempo, o que foi sendo transformado e quais impactos para o meio ambiente.

Ao final do projeto, os professores e os alunos podem convidar a escola e a comunidade para visitar os painéis. Os moradores que participaram da pesquisa devem ser convidados a relatar suas dificuldades e a discutir soluções para os problemas ambientais vivenciados.

Além desse projeto, os professores poderão trabalhar diferentes temáticas em conjunto, levantando um histórico da biodiversidade do distrito; sobre o impacto das atividades humanas no meio ambiente; sobre o descarte de resíduos nos

cursos d'água do distrito; sobre as plantas medicinais utilizadas no passado e seus usos no presente; sobre os povos indígenas que habitavam o local no passado; sobre o crescimento econômico do distrito e os impactos ambientais; sobre a relação entre a saúde e o meio ambiente; sobre a qualidade de vida no distrito e a defesa do meio ambiente.

### Sugestões de leitura:

BRANCO, Samuel Murgel. A Jara e a poluição das águas. São Paulo: Moderna, 2012.

DRISCOLL, Dennis; DRISCOLL, Michael. Meio ambiente: uma introdução para crianças. São Paulo: Panda Books, 2010.

GOMBERT, Jean-Rene; DREIDEMY, Joelle. Eu fecho a torneira para economizar água. São Paulo: Girafinha, 2007.

MANNING, Mick; GRANSTROM, Brita; SALLES, Ruth. Reciclagem: a aventura de uma garrafa. São Paulo: Ática, 2008.

MORAIS, Marta Bouissou. Tanta água. Belo Horizonte: Dimensão, 2011.

NEVES, André; CUNHA, Leo. Um dia, um rio. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2016.

REIS, Paula. 50 coisas simples que as crianças podem fazer para salvar a Terra. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002.

ROCHA, Ruth. Azul e lindo planeta Terra, nossa casa. São Paulo: Salamandra, 2004.

ROCHA, Ruth. Quem vai salvar a vida? 2. ed. São Paulo: Salamandra, 2015.

ROSA, Luciana. O planeta está com febre. Rio de Janeiro: Zit Editora, 2011.

## CARTILHAS

TRATA BRASIL. Ação Global 2018 – Sua cidade vai mal ou vai bem?

Para acessar a  
cartilha, click na  
imagem



TRATA BRASIL. Ação Global 2017 – É direito seu que está na Lei.

Para acessar a  
cartilha, click na  
imagem





**Mestrado Gestão Integrada do Território/UNIVALE**  
**Linha de Pesquisa: Território, Migração e Cultura**

**Cursos de Graduação Arquitetura e**  
**Urbanismo/Design Gráfico**

**Financiamento: FAPEMIG/UNIVALE**

